

# O sujeito-jornalista no discurso do ombudsman da *Folha de S. Paulo*

(The subject-journalist at *Folha de S. Paulo's* ombudsman discourse)

**Marília Giselda Rodrigues**

Universidade de Franca (UNIFRAN)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPG LAEL/PUC-SP)  
mariliagiselda@uol.com.br

**Abstract:** *This paper aims to understand how the media discourse helps to constitute the subject-journalist, taking as corpus analysis the ombudsman column of the newspaper Folha de S. Paulo. The contributions of the philosopher Michel Foucault in terms of the subjectivation processes are important in reading the corpus. French Discourse Analysis was used in selecting and analyzing texts. The analysis demonstrates that the journalist strives to constitute himself as a collective information mediator as well as a co-enunciator of all the discourses which are in constant conflict in society.*

**Keywords:** *Journalism; enunciative scene; ethos; subjectivity.*

**Resumo:** Este artigo busca entender como o discurso da mídia ajuda a constituir o sujeito-jornalista, tomando como *corpus* de análise a coluna do ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*. As contribuições do filósofo Michel Foucault ao estudo dos processos de subjetivação, mais especificamente a noção da "escrita de si" (FOUCAULT, 2006) como forma de resistência ao poder, são importantes para a leitura do corpus. Para a reunião e análise dos textos, partimos da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. A análise permite vislumbrar os esforços do jornalista por reafirmar-se como mediador da informação coletiva, como co-enunciador de todos os discursos que estão em constante embate na sociedade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; cena enunciativa; *ethos*; subjetividade.

## INTRODUÇÃO

O jornalismo, como profissão e como importante prática social, passa atualmente por profundas transformações, motivadas pelas novas tecnologias de comunicação, que exercem papel importante no modo como a informação é produzida e disseminada. As mídias, em suas variadas modalidades, têm na *web* um facilitador dos processos de elaboração e distribuição de conteúdos, e também um meio de expandir seu universo de usuários. Mas esse quadro provoca também o surgimento de idéias apocalípticas sobre os efeitos das novas tecnologias de comunicação na manutenção dos meios tradicionais – com inúmeras experiências a demonstrar que a disseminação de conteúdos na *web* prescinde do papel mediador de jornalistas e imprensa. Há outros modelos que dão conta de uma convergência ou de uma evolução linear dos diferentes meios.

Nesse cenário de incertezas quanto aos rumos e ao perfil da profissão e mesmo de sua manutenção como prática social, jornalistas e empresas de jornalismo buscam consolidar um processo de construção de identidades que garanta, entre outros aspectos, sua própria existência, com base nas supostas necessidades de informação da sociedade e dos leitores.

Tal como questiona Serra (2004), será que meios mais interativos, personalizados, sem limites de espaço, e em tempo real, como o jornalismo na *web*, explodem definitivamente a noção de jornalista como filtro de informação e produtor de relatos baseados na objetividade? Ou, ao contrário, será que a avalanche de informações disponibilizadas na rede pelos mais diversos promotores de notícias e ao alcance direto dos cidadãos não excluídos da cibercultura torna ainda mais necessário o trabalho de seleção, interpretação e certificação de fontes? Enfim, parece-nos oportuno discutir quem é o jornalista e o que é o jornalismo hoje, e qual é o estatuto desse discurso<sup>1</sup>.

Neste artigo<sup>2</sup>, temos por objetivo refletir, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa (AD) e das contribuições do filósofo Michel Foucault, os modos pelos quais o discurso jornalístico que toma por tema o próprio jornalismo (um metadiscurso) constrói o sujeito-jornalista na atualidade. Como, segundo que condições e sob que formas, algo como um sujeito pode aparecer na ordem do discurso jornalístico que trata do próprio fazer jornalístico? O *corpus* de análise é o conjunto de textos publicados a partir de 2006 na coluna do ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>3</sup>. Entendemos que o discurso do ombudsman, em sua crítica ao jornal e aos outros veículos, pode ser revelador do que seriam o jornalismo ideal e o bom jornalista. Mas o ombudsman, por sua vez, é também um jornalista, integrado na esfera da produção de uma instituição que lhe concede a “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1999).

Outros trabalhos realizados anteriormente que tomam o discurso do ombudsman como *corpora*, embora com objetivos distintos do objetivo geral desta pesquisa, foram também considerados na análise. Jairo Faria Mendes (UERJ, 1998), na dissertação de mestrado em Comunicação intitulada *O ombudsman e o público*, observa algumas particularidades do discurso do ombudsman, buscando discutir até que ponto sua função é defender os leitores ou o jornal. Busca também estabelecer as semelhanças e diferenças entre o discurso do ombudsman e o discurso do *media criticism*, termo que designa a atividade de análise e crítica dos meios de comunicação de massa, tal como o faz, por exemplo, o *Observatório da Imprensa*<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> A carreira, a despeito dessa discussão, continua a ser uma das mais procuradas no Brasil. Dados do Ministério da Educação (MEC) apontam que o país possui 334 cursos superiores de jornalismo, 93 deles no Estado de S. Paulo. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas, há cerca de 60 mil profissionais graduados e cerca de 13 mil que atuam como jornalistas sem diploma. No vestibular de 2007, o curso de jornalismo da ECA/USP foi o mais concorrido da Fuvest, com relação candidato/vaga de 41,63. Jornalismo foi a segunda carreira mais concorrida no vestibular da UNESP em 2008, com 44,75 candidatos/vaga.

<sup>2</sup> Trata-se de parte da dissertação de mestrado intitulada "De jornalistas e jornalismo: um estudo sobre o sujeito-jornalista no discurso do ombudsman da *Folha de S. Paulo*", defendida em agosto de 2008 junto ao Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN).

<sup>3</sup> O jornal *Folha de S. Paulo* foi escolhido para a seleção dos textos que compõem o *corpus* de análise por ser o primeiro a instituir um *ombudsman* na história do jornalismo brasileiro, em 1989, e também por ser o de maior circulação dentre os jornais impressos no país. Fechou 2006 com uma média diária de 307,9 mil exemplares vendidos, contra 286 mil exemplares/dia em média do jornal *O Globo* e 243 mil exemplares/dia em média do concorrente local, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), divulgados em setembro de 2007. Pertencem ao mesmo grupo empresarial os jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora SP*; o site *Folha Online*; o portal *UOL*; o Instituto Datafolha; a editora Publifolha; a gráfica Plural; e o jornal *Valor Econômico*, este em parceria com as Organizações Globo.

<sup>4</sup> Revista semanal on-line dedicada à crítica da mídia, que pode ser acessada em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>.

A dissertação de mestrado em Lingüística de Henrique Junio Felipe (UNESP, 2005) *O ombudsman, o leitor e a leitura da Folha de São Paulo*, analisa a concepção de leitura e de leitor de jornal presentes no discurso do ombudsman da *Folha de S. Paulo*. Coloca em xeque a questão da representação do leitor e procura demonstrar que o ombudsman ocupa efetivamente um papel de representante do jornal, procurando direcionar o leitor para a possibilidade de uma leitura "transparente" da realidade que o jornal apresenta, ou seja, "livre de coerções político-ideológicas, uma vez que o jornal, aplicando corretamente a técnica jornalística, ver-se-ia livre de tais coerções" (FELIPE, 2005, p.8).

Estela Maria Carvalho de Azevedo (PUC/SP, 1992), na dissertação de mestrado em Letras intitulada *Aspectos da intertextualidade na coluna do ombudsman da Folha de S. Paulo*, analisa a coluna do ombudsman da *Folha de S. Paulo* numa abordagem da Lingüística Textual. Pode-se afirmar que se trata de um dos primeiros estudos sobre o discurso do ombudsman, realizado logo após a nomeação de Caio Túlio Costa para exercer a função de primeiro ombudsman da história do jornalismo brasileiro, em 1989, uma vez que sua coluna no jornal se configura como um acontecimento discursivo novo, que merecia ser estudado. Azevedo afirma:

[...] os comentários existentes são hierarquizados por uma avaliação que torna Costa, na maioria dos textos analisados, um defensor não do leitor, mas sim, da *Folha de S. Paulo*; nesse momento, torna-se porta-voz de um grupo, apresentando avaliações que são resultados da ideologia do grupo. (AZEVEDO, 1992, p.179)

Entende-se, portanto, que pesquisas relevantes para o campo tanto do jornalismo quanto do discurso constataram que o ombudsman não é um defensor dos interesses do leitor, mas um mediador das relações entre o jornal e os leitores. Por que, então, ainda analisar o discurso do ombudsman?

Ora, se ele pode ser considerado um discurso cuja função é, por um lado, inserir os leitores no mundo do jornal, instruindo-os sobre os processos envolvidos na apuração e apresentação dos relatos sobre os fatos e, por outro lado, apontar falhas do jornal e do trabalho dos jornalistas, então se pode concluir que seu discurso constitui um sujeito-leitor, tal como demonstra Felipe (2005), mas também constitui um sujeito-jornalista e um modelo de jornalismo.

Se o ombudsman, colocado na posição daquele que pode criticar o jornalista, dele fala, opera como o seu outro, tal como na perspectiva de Bakhtin (1997), em que as palavras alheias são também constitutivas do sujeito. Coracini (2007) fundamenta-se em Lacan para afirmar que:

[...] nos vemos inevitavelmente pelo olhar do outro, a imagem que construímos de nós mesmos provém do (s) outro (s), cujo discurso nos perpassa e nos constitui em sujeitos, construindo, no nosso imaginário, a verdade sobre nós mesmos, verdade com a qual nos identificamos e que assumimos como se não fosse transitória [...] (CORACINI, 2007, p.17).

Conforme a autora, esta concepção é perfeitamente condizente com a maneira pela qual Foucault elabora sua concepção de sujeito:

É com base na construção da identidade a partir do discurso de si e do outro – relatos e julgamentos – e, a partir daí, da concepção de sujeito – que, por ser social, é cindido, completo, heterogêneo, descentrado – tão bem elaborada por Foucault, que acreditamos

poder afirmar que a identidade dos sujeitos [ ] é construída pelo imaginário social [...] (CORACINI, 2007, p.22).

E, também, assim como faz Coracini (2007) com as escritas de professores sobre si mesmos, indaga-se, aqui, se em determinados momentos a coluna do ombudsman não é também, para esse jornalista, uma escrita de si:

E é no exato momento em que o sujeito se insere no discurso, que busca palavras (que são sempre suas e do outro) para se definir, que ele se singulariza. E é no exato momento em que se submete às expectativas do outro – ou talvez por isso mesmo -, que resvalam, cá e lá, fragmentos, fagulhas candentes da subjetividade que (se) diz; escapam representações, desejos, inconscientes e abafados, que se ateiam à menor oportunidade: uma confissão, um concurso, uma entrevista informal... (CORACINI, 2007, p. 24).

O problema da subjetividade é central no projeto filosófico de Foucault. Ele busca estudar o sujeito não como identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si.

Foucault (2006) chama de “escrita de si” a maneira pela qual os sujeitos produzem um discurso sobre si mesmos, sobre sua existência, seu trabalho, a fim de fazer da própria vida o campo de aplicação de um “biopoder”, um poder sobre a vida, entendido tanto como conjunto de mecanismos disciplinares que regem a vida dos indivíduos a fim de que possam ser governáveis, como o possível lugar de emergência de um contra-poder, o lugar de uma produção de subjetividade que se daria como momento de desassujeitamento.

Ele toma para reflexão duas formas antigas de escrita de si para si, os *hypomnemata*<sup>5</sup> e a correspondência privada na antigüidade clássica e primeiros séculos da era cristã, a fim de compreender as modalidades de uma relação que envolve procedimentos de subjetivação. Se por um lado as práticas institucionais transformam o ser humano em sujeito objetivado, e são, portanto, modos de subjetivação, por outro lado o sujeito pode mobilizar procedimentos a fim de se relacionar consigo mesmo, e pode por meio deles buscar uma re-apropriação de si mesmo como objeto de ação racional, sendo, portanto, a “escrita de si” reveladora de subjetividade. Sobre a correspondência, conceito que interessa a este trabalho, diz o filósofo:

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituem uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante [...] a escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor – e eventualmente os terceiros que a leiam (FOUCAULT, 2006, p. 147-148).

O que Foucault diz é que, se a correspondência funciona para aquele a quem se destina como um suposto auxílio, ela é, ainda mais talvez, um modo daquele que escreve buscar entender a si mesmo e preparar-se para o enfrentamento de sua condição, ou seja, a correspondência é uma forma de produzir sujeitos: "é simultaneamente um

---

<sup>5</sup> *Hypomnemata* eram na Grécia antiga os cadernos pessoais que serviam de diários, como livros de vida, guias de conduta, em que se reuniam fragmentos de obras lidas, reflexões, com fins de releitura e meditação e também como reunião de dados para a preparação posterior de tratados sobre temas diversos.

olhar que se volta para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar para o que de si mesmo lhe diz" (FOUCAULT, 2006, p. 150).

Tem-se também, delineada aí, a sugestão de que toda correspondência, mesmo que privada, possa ser lida por terceiros. Assim, pode-se pensar que um dado gênero discursivo carrega a possibilidade de combinar-se a outros, cumprir funções sociais diversas, constituir-se sob as marcas da heterogeneidade inclusive no que se refere aos co-enunciadores/leitores que o constituem e são por ele constituídos.

## O DISCURSO JORNALÍSTICO E O SUJEITO-JORNALISTA

Em sua tese de doutorado em Linguística *No "mundo dos jornalistas": interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros*, Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UNICAMP, 2006) busca aspectos da identidade do jornalista construída no e pelo discurso, e o sujeito que se inscreve em dois gêneros jornalísticos analisados, a notícia e a reportagem. Em suas conclusões, afirma que pôde "notar que traços do sujeito iluminado assumiram uma conotação autoritária [...] a voz que neles enuncia recusa a voz do outro [...] impõe seu ponto de vista como se esse fosse a única verdade" (CAVALCANTI, 2006, p. 183). A pesquisadora afirma ainda que:

[...] pode-se dizer que a posição *advogado do leitor* é uma modalidade enunciativa do discurso da FSP, isto é, o jornalista que ocupa tal posição se inscreve na ordem desse discurso. Com isso estamos afirmando que a presença de um profissional como o ombudsman nada mais é que uma estratégia que objetiva não só mitigar os erros do jornal (que aparecem nomeados por **deslize**, **hiato**), mas também sustentar uma imagem de neutralidade, de isenção (CAVALCANTI, 2006, p. 104, negritos da autora).

Dizer que o ombudsman produz comentários sobre o discurso do jornal, que produz um discurso sobre o discurso, implica em admitir que o discurso do ombudsman constitui uma prática de reflexão sobre o seu fazer. No entanto, existe aí uma questão complexa para a AD, pois se trata de uma reflexão "de dentro". O ombudsman pode tentar construir uma imagem de crítico da mídia, exterior a ela, mas seu discurso é também um discurso midiático. Possivelmente por isso é que muitas vezes o discurso do ombudsman lançará mão das citações, mais comumente em discurso direto, introduzidas por dois pontos e aspas, para marcar o jogo da identidade/alteridade, com efeito de sentido de um discurso vindo de fora, muitas vezes do campo científico.

Também se pode dizer que a coluna do ombudsman tem a característica de um "trílogo", como descreve Maingueneau (2001). O "trílogo", conforme o autor, ocorre em situações tais como, por exemplo, um programa de entrevistas gravado, para ir ao ar em outro dia, em que há um diálogo entre entrevistador e entrevistado, mas há também pessoas convidadas a assistir à gravação, que ocupam o espaço da platéia, e a sua presença terá influência sobre o discurso do entrevistador e do entrevistado.

Pode-se pensar assim a coluna do ombudsman, ou talvez até como uma conversa a quatro, ou a cinco. Ele supostamente escreve para os leitores do jornal, respondendo às hipotéticas e às reais reclamações dos leitores sobre a cobertura, mas sabe que será lido pelos demais jornalistas que atuam no veículo, bem como, eventualmente, por leitores e jornalistas de outros jornais. E também pela direção do jornal que, em última análise, é a instância responsável pela publicação de todos os textos do jornal.

Assim, essa situação deve também ser levada em consideração, pois determinará algumas características do discurso do ombudsman, visto que o enunciador deverá tomar extremo cuidado para preservar as diversas faces<sup>6</sup> envolvidas na sua ação discursiva.

Isso ajuda a explicar porque, tantas vezes, o discurso do ombudsman parece se dividir entre a crítica e o elogio ao jornal. Trata-se de dizer o que pretende de modo a ser aceito pelos diferentes co-enunciadores. Ou de fazer a crítica sem quebrar um contrato de cordialidade com o próprio veículo que o abriga. Mas esse movimento também diz respeito à complexidade que caracteriza o discurso do ombudsman, pois, como já dito anteriormente, ele se apresenta como um olhar “de fora”, olhar de leitor, mas é “de dentro”, jornalista, e essa relação identidade/alteridade, o eu e o outro, é uma característica importante do seu discurso.

Por ser uma das finalidades da coluna responder aos e-mails, cartas e reclamações registradas a partir de telefonemas dos leitores ao ombudsman, então podemos considerá-la como uma correspondência. Nesse sentido, perguntamo-nos: será que se poderia dizer que temos aí um sujeito que mobiliza procedimentos para uma escrita de si, realizada por meio dessa correspondência, de forma semelhante àquela como tal prática é concebida por Foucault (2006)?

O filósofo não tinha por objetivo aplicações empíricas para sua teoria, e daí decorre certa dificuldade de estabelecer as marcas lingüísticas específicas dessa possível escrita de si no discurso do ombudsman. Durante a leitura do *corpus*, pode-se, entretanto, perceber momentos em que o enunciador estabelece correspondência com o co-enunciador, e outros trechos em que, apesar de assumido como um diálogo em suas condições de produção, o discurso instaura uma espécie de monólogo interior, no qual percebemos o ombudsman falando de si para si.

A última coluna de Mário Magalhães, que foi ombudsman da *Folha* entre abril de 2007 e abril de 2008, é um bom exemplo desse movimento. Os trechos destacados a seguir revelam a possibilidade da correspondência entre esse jornalista e os leitores como “escrita de si”:

- (01) No ano que passou, quando as noites de domingo se insinuavam, e tantas famílias saíam para o último passeio do fim de semana, a minha sabia que ficaríamos em casa - ou pelo menos não iríamos todos. Era hora de eu começar a longa e solitária jornada madrugada adentro para terminar de esquadrihar jornais e revistas. De manhã, com as olheiras a denunciar o sono roubado, leria as edições do dia e escreveria a mais encorpada crítica semanal, a da segunda-feira. Hoje à noite, se alguém me chamar, terá companhia (MAGALHÃES, M. Despedida. **Folha de S. Paulo**, 6.abril.2008. Ombudsman).

Aqui, a escrita de si se manifesta como uma reparação da imagem constituída do jornalista e do ombudsman pela comunidade leitora, como um sujeito privilegiado, que constituiria aquilo que Maingueneau (2005) denomina *ethos* pré-discursivo.

---

<sup>6</sup> Maingueneau (2001) toma a "teoria das faces", desenvolvida desde o final dos anos 1970 por P. Brown e S. Levinson, por sua vez inspirados no sociólogo norte-americano E. Goffman, para estudar as regras da polidez, entendida como umas das leis do discurso, já que a comunicação verbal é também uma relação social. Diz ele: "Visto que uma mesma fala pode ameaçar uma face com o intuito de preservar uma outra, os interlocutores são constantemente levados a buscar um acordo, a negociar. Eles devem efetivamente procurar um meio de preservar suas próprias faces sem ameaçar a de seu parceiro. Desenvolve, então, todo um conjunto de estratégias discursivas para encontrar um ponto de equilíbrio entre essas exigências contraditórias" (MAINGUENEAU, 2001, p. 39).

Apresentando um outro, por meio da voz, da corporeidade que seu discurso evoca, em lugar do ombudsman como sujeito privilegiado na hierarquia da empresa, temos o *ethos* do jornalista assujeitado pelo trabalho, que sacrifica a família e as noites de domingo, imerso numa atividade que lhe rouba o sono e deixa em seu rosto olheiras bem visíveis.

A coluna termina com a reformulação do fazer do sujeito, que ao escrever refaz seu projeto de vida: “hoje à noite, se alguém me chamar, terá companhia”. Parece ser disso que Foucault fala ao comentar que a correspondência é auxílio para aquele a quem se destina – no caso desta coluna, entende-se que tem por objetivo dar informações ao leitor sobre o término do mandato –, mas também é arma para aquele que a escreve, como uma forma de esquadrihar o passado e de se preparar para o futuro:

- (02) [...] Na chegada, eu pensava ter muito a dizer. Ao partir, sei que tenho muito a ouvir. Gostaria de ter falado de outros assuntos, dos anúncios de prostituição aos interesses cruzados do jornal. Fica para outra vez. Pelo ano em que fui feliz, agradeço à confiança que a direção da Folha depositou em mim. Tive liberdade para escrever o que quis. Uma executiva me disse que o jornal precisava de um "ombudsman crítico". Tentei desempenhar escrupulosamente a missão. [...] Minha gratidão maior é para quem me deu lições inestimáveis - hoje à noite, em casa ou na rua, não esquecerei o brinde aos leitores da Folha (MAGALHÃES, M. Despedida. **Folha de S. Paulo**, 6.abril.2008. Ombudsman).

Em outra edição da coluna do ombudsman, vemos a reprodução de uma carta de um leitor, e a citação da carta do leitor como marca de construção de uma imagem positiva do ombudsman nesse discurso. É como se, pelo discurso, se reconhecesse, para os leitores, mas também para o próprio sujeito, a qualidade do serviço realizado. Esse trabalho do discurso parece reação a um dado recorrente do interdiscurso sobre ombudsman como aquele que não defende os leitores, mas o veículo para o qual escreve, e cujas críticas são inócuas. Assim, nesta seqüência, encontramos também o discurso do ombudsman como uma escrita de si:

- (03) Poucos leitores enviam elogios ao jornal via ombudsman. Recebi uma dessas mensagens raras no dia 21 de dezembro, enviada pelo leitor Leandro Coelho, e a reproduzo: "Quem acompanha as suas colunas na Folha sabe que você às vezes escreve sobre a falta de continuidade em certas coberturas jornalísticas. Hoje o caderno Cotidiano mostrou ter acompanhado um caso desde o início. Trata-se da prisão de Iolanda Figueiral, 79, que apareceu na **Folha** pela primeira vez em 28 de novembro, outras vezes em datas posteriores e hoje novamente, sob o título "Após 4 meses de prisão, Iolanda vai para casa". Ele tem razão. Esse é um bom exemplo de uma história com começo, meio e fim, nem sempre possível no jornalismo. O jornal teve um papel importante ao expor o drama da ex-bóia-fria – doente terminal de câncer que, detida sob a acusação de tráfico de drogas, agonizava na prisão sem julgamento. O acompanhamento do caso até a obtenção da liberdade provisória, às vésperas do Natal, contribuiu para a discussão sobre o funcionamento da Justiça (BERABA, M. Começo, meio e fim. **Folha de S. Paulo**, 1.jan.2006. Ombudsman. Grifo nosso).

Também na reflexão contida na coluna de despedida de mandato de Marcelo Beraba, que ocupou o cargo de abril de 2004 a abril de 2007, há uma reflexão que parece aconselhamento para os jornalistas e para si mesmo:

- (04) Impulsionada pelas facilidades da internet e da telefonia, a crescente participação dos leitores está transformando a produção jornalística. Não é possível fazer mais o jornalismo como entendíamos há uma ou duas décadas, de mão única. Os leitores têm mais informações, estão mais preparados para questionar e têm canais que facilitam as intervenções. É evidente a dificuldade que os diários estão tendo para compreender e enfrentar as transformações que interferem no seu desempenho. Na minha primeira coluna, assinalei que o mandato iniciava em meio à maior crise da história das empresas jornalísticas. Deixo a função sem que a crise tenha

sido de todo superada e sem que os jornais tenham dado o salto de qualidade que eu esperava e desejava. Eles estão conscientes de que devem mudar, mas ainda não têm clareza da direção. A impressão que tenho, nestes três anos de observação, é que as empresas estão com o foco completamente voltado para a parte comercial, e a discussão sobre o conteúdo do novo jornal deixou de ser prioridade com a fragilização das Redações. Mas a saída terá de vir das Redações (BERABA, M. As últimas mensagens: o futuro. **Folha de S. Paulo**, 1.abril.2007. Ombudsman. Grifo nosso).

Ao questionar as características de um novo jornalismo na era da internet e da telefonia, a coluna retoma um traço constitutivo do *ethos* discursivo do jornalista, tal como apontado por Cavalcanti (2006), o do jornalista como dono de um *ethos* autoritário, que se constrói nos discursos enunciados em um “tom assertivo, arrogante e irônico que remete a uma fonte enunciativa que confere a si o estatuto de homem superior, iluminado” (CAVALCANTI, 2006, p.118), mas para negá-lo, o que o faz de dois modos: pelo que diz, afirmando a importância dos leitores na construção dos sentidos no jornal e referindo à impossibilidade de um jornalismo “como entendíamos há uma ou duas décadas, de mão única”; e pelo modo de dizê-lo, adotando um tom menos assertivo, mais moderado – “a impressão que tenho, nestes três anos de observação, é que as empresas estão com o foco completamente voltado para a parte comercial [...]”.

Nesta outra seqüência, constrói um sujeito-jornalista tocado pela tragédia do “Vôo 1907”, que fez quase duas centenas de vítimas em setembro de 2006, e que, sob efeito da emoção, questiona, na forma de depoimento na primeira pessoa, as bases do seu fazer, assentado sob as metas de objetividade e neutralidade diante dos fatos a serem relatados:

- (05) O último aspecto tem a ver com a falta de sensibilidade que nos assoma em momentos delicados como este. A linha entre o dever de informar sobre uma tragédia de interesse público e o respeito aos direitos dos que querem sofrer longe das lentes e dos microfones é muito tênue e exige dos jornalistas grande respeito e sensibilidade. A pressa acaba sendo uma péssima conselheira. É claro que esta avaliação é subjetiva. Eu fiquei chocado na sexta-feira, dia 29, quando assistia o "Jornal da Globo", por causa de um detalhe. A principal reportagem informava que até a meia-noite o Boeing não tinha sido localizado e que cinco aeronaves da FAB continuariam as buscas durante a madrugada. Havia, para quem acompanhava o jornal, alguma esperança. Mas em seguida entrou uma reportagem que foi uma ducha de água fria: "Na história da aviação brasileira, os dois acidentes mais graves não deixaram sobreviventes". E descrevia dois acidentes aéreos. A reportagem estava correta, mas me pareceu inoportuna. Por que não aguardar um pouco mais por novas informações? Imaginei a decepção de um parente de algum passageiro acompanhando, ainda esperançoso, o telejornal. Como disse, são avaliações subjetivas. Mas que devem fazer parte das nossas preocupações quando cobrimos tragédias como a do vôo 1907 (BERABA, M. O vôo 1907. **Folha de S. Paulo**, 8.out.2006. Ombudsman. Grifo nosso).

No mesmo texto, o ombudsman registra o depoimento de outro jornalista da *Folha*, Antonio Gois, que perdeu o sogro no acidente. O depoimento de Gois é inserido em discurso direto, entre aspas, que indicam a fala do outro, e também separado do corpo do texto enunciado pelo ombudsman com o recurso visual de entrelinhas duplas, separando-o do restante da coluna. No entanto, está fortemente marcado o peso de argumento dessa heterogeneidade mostrada, em que o ombudsman questiona, ao modo de quem escreve um diário, o *modus operandi* dos jornalistas. A busca da objetividade e do distanciamento, neste relato em primeira pessoa, é tomada como causa da falta de sensibilidade e de respeito do jornalista com os entrevistados:

- (06) Desse episódio, tirei uma lição que nunca vou esquecer. Buscamos tanto a objetividade jornalística e o distanciamento crítico que, às vezes, acabamos também por perder a sensibilidade e, pior, o respeito ao drama de quem passa por uma tragédia como essa. Sem falar na busca acrítica pela informação exclusiva, que, num momento assim, pode só aumentar a angústia de quem está do outro lado (GOIS, A. apud BERABA, M. O voo 1907. **Folha de S. Paulo**, 8.out.2006. Ombudsman. Grifo nosso).

Como se vê, pelo discurso, o jornalista pode realizar reflexões sobre a própria vida e sobre seu trabalho, que caracteriza o que Foucault (2006) chama de “a escrita de si”, como modo de resistência e de construção discursiva do sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões de Foucault colaboraram para o entendimento dos modos de subjetivação do sujeito-jornalista e algumas das razões que o levam a se submeter ou, algumas vezes, a resistir aos diversos mecanismos de controle e rarefação dos discursos, num desenho das relações de poder em que este se encontra cada vez mais difuso, e por isso profundamente emaranhado na vida e na prática dos sujeitos.

O jornalista e o jornalismo são avaliados direta e indiretamente através de mecanismos diversos, mas é, sobretudo, através do olhar do outro, dos discursos que circulam sobre ele nas várias formações discursivas, que a vigilância torna-se mais eficiente. Assim, tais avaliações colaboram para a manutenção de um tipo de identidade para o profissional.

Por isso, consideramos fundamental tomar o discurso como o meio através do qual é possível entender que a participação nas mais diversas esferas da vida social determina quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re) construção de identidades.

A coluna do ombudsman se apresenta como espaço de tensão, ora de adesão e ora de resistência à ordem discursiva instaurada pela instituição, e nesse sentido permite recolher traços da identidade do sujeito-jornalista construído no e pelo discurso, como um sujeito heterogêneo, multifacetado, desejante, em busca de um novo modo de se relacionar com os leitores, a fim de manter (retomar?) o prestígio que sempre teve na sociedade.

A coluna do ombudsman, que é primeiramente uma forma de correspondência entre o jornal, por meio de um jornalista que é seu representante, e os leitores, pode ser também, eventualmente, um espaço para breves questionamentos dos discursos dominantes, nos quais noções tão fortemente arraigadas na memória discursiva do jornalista – objetividade, neutralidade, o jornalista como dono da verdade – poderiam começar a ser questionadas.

Na análise, encontramos um discurso que eventualmente reconhece a necessidade de novos contratos com os leitores, em que fiquem mais claras e sejam mais assumidas as posições ideológicas do enunciatório-jornalista, tal como vem ocorrendo nos *blogs*, em que os temas são tratados de forma personalizada, sem defesa de posição de neutralidade. Ao contrário, nos *blogs* a posição do jornalista é mais subjetiva e mais humilde, pois ele depende do retorno dos leitores. Um *blog* que não provoque reações e comentários perde sua razão de ser.

Assim também é com o sujeito-jornalista que o discurso do ombudsman da *Folha de S. Paulo* desenha, um sujeito que assume que é necessário buscar novas formas de fazer jornalismo em um mundo de informações cada vez mais “pulverizadas” e em que se amplia cada vez mais o acesso dos leitores ao universo virtual da comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Estela Maria Carvalho de. *Aspectos da intertextualidade na coluna do ombudsman da Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP (Departamento de Português), 1992.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERABA, M. Começo, meio e fim. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1.jan.2006. Caderno Brasil - Ombudsman, p.A-8.

\_\_\_\_\_. As últimas mensagens: o futuro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1.abril.2007. Caderno Brasil - Ombudsman, p.A-8.

\_\_\_\_\_. O vôo 1907. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8.out.2006. Caderno Brasil - Ombudsman. p. A-8.

CAVALCANTI, J. R. *No “mundo dos jornalistas”*: interdiscursividade, identidade, *ethos* e gêneros. 2006. Tese. (Doutorado em Lingüística) Universidade Estadual de Campinas.

CORACINI, M. J. Sujeito, identidade e arquivo: entre a impossibilidade e a necessidade de dizer (-se). In: \_\_\_\_\_. *A celebração do outro*: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 15-26.

FELIPE, H. J. *O ombudsman, o leitor e a leitura da Folha de São Paulo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (Coleção Leituras Filosóficas).

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: *O que é um autor*. 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MAGALHÃES, M. Despedida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6.abril.2008. Caderno Brasil - Ombudsman, p.A-8.

MENDES, J. F. *O ombudsman e o público*. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SERRA, S. *Relendo o gatekeeper*: notas sobre condicionantes do jornalismo. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/soniaserra2004.doc>>. Acesso em 16.abril.2007.